

A Mídia Brasileira e as Manifestações de Junho de 2013¹

Luiza Giovana Rampelotti Pinto²
Juliana Arcangelo Michaltchuk³
Universidade Positivo, Curitiba, PR

Resumo

O artigo em questão tem o objetivo de analisar, de acordo com os autores José Marques de Melo, Roberto Bitencourt da Silva e Wagner Alexandre dos Santos, os editoriais publicados pelo maior jornal do Brasil, Folha de S. Paulo, nos dias 13 e 15 de junho de 2013, respectivamente com os títulos de “Retomar a Paulista” e “Agentes do Caos”. Os editoriais foram publicados no contexto das manifestações que agitaram o Brasil em junho de 2013, e que começaram devido ao aumento nas tarifas de transporte público. Os editoriais colocaram em dúvida a confiança dos leitores na Folha de S. Paulo, já que foram contraditórios e trouxeram muitas incertezas sobre qual realmente é a linha editorial do jornal. Além disso, o artigo também busca relacionar a cobertura das manifestações de 2013 pela grande mídia com a Teoria do Gatekeeper.

Palavras-chave: Manifestações; Análises; Linha Editorial; Teoria do Gatekeeper; Teorias do Jornalismo.

¹ Trabalho apresentado no GP Teorias do Jornalismo do XIV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Graduação. 4º semestre do Curso de Jornalismo da Universidade Positivo-UP, email: luizagiovana95@gmail.com.

³ Estudante de Graduação. 4º semestre do Curso de Jornalismo da Universidade Positivo-UP, email: juliana.arcangelo@gmail.com

Introdução

Os protestos no Brasil em 2013, também conhecidos como Manifestações dos 20 centavos, Manifestações de Junho ou Jornadas de Junho, se tornaram uma *cauda longa*⁴ de manifestações populares por todo o país. Hoje, um ano após as manifestações, ainda precisamos fazer uma reflexão para tentar entender como tudo começou e como a história se desenrolou.

Podemos afirmar que os protestos inicialmente surgiram para contestar os aumentos nas tarifas de transporte público, principalmente nas maiores capitais do país. Inicialmente restrito a poucos participantes, os atos pela redução das passagens nos transportes públicos ganharam grande apoio popular em meados de junho, em especial após a forte repressão policial contra os manifestantes, cujo ápice se deu em São Paulo, onde 65%⁵ dos paulistanos se mostraram favoráveis às manifestações.

Em seu ápice, milhões de brasileiros estavam nas ruas protestando não apenas pela redução das tarifas e a violência policial, mas também por uma grande variedade de temas, como os gastos públicos em grandes eventos esportivos internacionais, a má qualidade dos serviços públicos e a indignação com a corrupção política em geral.

Os protestos geraram grande repercussão nacional e internacional e foram as *maiores*⁶ mobilizações no país desde as manifestações que culminaram no impeachment do então presidente Fernando Collor de Mello, em 1992.

As manifestações no Brasil seguiram o mesmo processo de "propagação viral" de protestos em outras partes do mundo, como por exemplo, a Primavera Árabe. As mobilizações foram organizadas através das redes sociais, tendo como precursores os membros do Movimento Passe Livre (MPL).

⁴ Termo utilizado no livro ‘‘A Cauda Longa (The Long Tail), do Mercado de Massa para o Mercado de Nicho’’ ANDERSON, Chris.

⁵ Dado revelado pelo Instituto Data Folha: <http://datafolha.folha.uol.com.br/opiniaopublica/2013/06/1298319-maioria-dos-paulistanos-apoia-manifestacoes-na-paulista.shtml>

⁶ Zero Hora. Manifestação pelas capitais brasileiras foi a maior desde o Fora Collor; em 1992. <http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/noticia/2013/06/manifestacao-pelas-capitais-brasileiras-foi-a-maior-desde-o-fora-collor-em-1992-4173415.html>

Em resposta, o governo brasileiro anunciou várias medidas para tentar atender às reivindicações dos manifestantes e o Congresso Nacional votou uma série de concessões (a chamada "agenda positiva"), como ter tornado a corrupção um crime hediondo, arquivado a chamada PEC 37 e proibido o voto secreto em votações para cassar o mandato de legisladores acusados de irregularidades. Houve também a revogação dos então recentes aumentos das tarifas nos transportes em várias cidades do país, com a volta aos preços anteriores ao início dos protestos.

Retrospectiva

As informações relatadas na retrospectiva foram baseadas nas matérias publicadas pelo portal de notícias da Rede Globo, G1⁷, nas respectivas datas:

21/05/13 - Uma reunião da Câmara Deliberativa do Transporte Coletivo decidiu aumentar de R\$2,70 para R\$3,00 o preço da passagem do transporte coletivo em Goiânia e na Região Metropolitana da capital. O aumento acontece em meio a protestos da população. Horas antes da definição do novo valor, cerca de 200 estudantes realizaram uma manifestação na região central de Goiânia.

03/06/13 – A Polícia Militar foi chamada para conter um protesto na Zona Sul de São Paulo, na madrugada e no início da manhã da segunda-feira, dia 03. A manifestação era contra o aumento das tarifas do transporte público. Os preços dos ônibus, do metrô e dos trens, subiram de R\$3,00 para R\$ 3,20. O Movimento Passe Livre disse ter promovido o protesto contra o aumento nas tarifas e contra “as péssimas condições do sistema de transporte na região”. Segundo o movimento, desde 2008, a população já realizou pelo menos 11 manifestações exigindo melhorias no transporte.

Estudantes realizaram um protesto, na noite da segunda-feira, dia 03, contra o aumento das passagens de ônibus no Rio de Janeiro. As tarifas foram ajustadas de R\$2,75 para R\$2,95. A segunda-feira foi o primeiro dia útil com a tarifa mais cara. A Prefeitura do Rio alega que o reajuste serve para unificar o valor das passagens.

06/06/13 – Protesto reúne mil pessoas na Avenida Paulista contra o aumento da tarifa. O ato foi organizado originalmente pelo Movimento Passe Livre (MPL), que critica o aumento das

passagens de trem, ônibus e metrô na cidade de São Paulo para R\$3,20. O vandalismo atingiu a estação Brigadeiro do Metrô, o Shopping Paulista, bases móveis da PM, bares e bancas de jornal da região.

Protesto contra o aumento da tarifa de ônibus no Rio de Janeiro causou tumulto na Avenida Presidente Vargas, no Centro, na quinta-feira, dia 06. A pista lateral da via expressa foi interditada das 18h até pouco antes das 20h, quando o Batalhão de Choque da Polícia Militar controlou a situação, já na altura da Central do Brasil. O confronto entre manifestantes e policiais gerou reclamações de truculência de ambos os lados. Segundo a Coordenação de Emergência Regional, dois manifestantes foram atendidos na unidade depois de terem sido atingidos por tiros de borracha.

07/06/13 – Ato contra o aumento da tarifa de transportes públicos reuniu dois mil manifestantes na Marginal em São Paulo. Após entrar em confronto com a Polícia Militar (PM) na Marginal Pinheiros, protestantes do Movimento Passe Livre (MPL) seguiram até a Avenida Paulista. A polícia disparou bombas de gás lacrimogêneo e atirou com balas de borracha contra os manifestantes.

11/06/13 - Manifestantes voltaram a ocupar ruas e avenidas da região central de São Paulo na terça-feira, dia 11. O protesto contra o aumento da tarifa de ônibus reuniu cinco mil pessoas. Eles quebraram ônibus, agências bancárias e uma estação do Metrô e picharam veículos e prédios públicos. Houve confronto com a polícia, que utilizou balas de borracha, bombas de gás lacrimogêneo e gás pimenta. Pelo menos 34 pessoas foram detidas.

13/06/13 – Mais de cinco mil manifestantes voltaram a entrar em confronto com a polícia e mais de 200 foram detidos. Uma forte repressão policial impediu que os manifestantes chegassem em massa à Avenida Paulista. Jornalistas também foram detidos e outros, atingidos por balas de borracha. Um grupo pichou ônibus e bancas de jornal. Os manifestantes usavam máscaras e narizes de palhaço. “Não aguentamos mais sermos explorados”, dizia uma das faixas. Também no dia 13, mais de 10 mil pessoas protestaram em Fortaleza contra as políticas de segurança pública e o aumento da criminalidade no Ceará.

17/06/13 - Mais de 270 mil pessoas saíram às ruas pelo país para protestar contra o aumento das tarifas de transporte, a violência urbana, os custos da Copa do Mundo, a

precariedade do serviço público, entre outras reivindicações. Manifestações aconteceram em 12 capitais e ao menos 16 cidades do interior. A maioria foi pacífica. Mas, em algumas cidades, uma minoria radical causou vandalismo e protestos acabaram em confronto com a polícia.

No Rio de Janeiro, manifestantes deixaram um rastro de destruição na Assembleia Legislativa. PMs foram flagrados dando tiros de fuzil para o alto. Ao todo, 100 mil manifestantes foram às ruas no Rio.

Em São Paulo, o quinto e maior protesto em duas semanas causou a interdição de importantes vias. A manifestação reuniu cerca de 65 mil pessoas e foi considerada pacífica até um grupo tentar invadir o Palácio dos Bandeirantes, sede do governo. A polícia reagiu com bombas de efeito moral e gás de pimenta e impediu o ato.

Em Brasília, os participantes invadiram a marquise do Congresso Nacional. Em Porto Alegre, manifestantes foram presos após depredarem mais de 50 contêineres e incendiarem ônibus. Em Belo Horizonte, houve confronto na Praça Sete. Em Fortaleza, o hotel da Seleção Brasileira foi alvo dos manifestantes. Maceió, Vitória, Salvador, Belém, Curitiba e Recife também registraram protestos.

18/06/13 - A Polícia Militar estimou em 10 mil o número de participantes do protesto, em São Paulo. O trânsito na cidade ficou bastante complicado durante a manifestação. Depois do tumulto registrado em frente ao prédio da Prefeitura durante os protestos, o governo municipal informou que dois guardas civis metropolitanos foram feridos na ação dos manifestantes.

19/06/13 - Nem mesmo o anúncio da redução do valor da tarifa de ônibus em Niterói, na Região Metropolitana do Rio, feito pela assessoria do prefeito, acalmou o protesto na cidade na quarta-feira, dia 19. A manifestação, que chegou a causar a interdição da Ponte Rio-Niterói, durou mais de 7 horas — a maior parte do tempo pacífica — e reuniu cerca de cinco mil pessoas. Ao final, os manifestantes entraram em confronto com a polícia e chegaram a invadir a Estação das Barcas na cidade. Jovens reclamavam do transporte público e dos gastos com a Copa do Mundo.

20/06/13 - Mais de 1,25 milhões de pessoas participaram na quinta-feira, dia 20, de protestos realizados em mais de 100 cidades brasileiras, pequenas, médias e grandes, no maior dia de manifestações desde o início da onda de marchas. Na maior parte dos casos, foram passeatas pacíficas, mas houve confrontos entre polícia e grupos minoritários em diversas cidades, como Rio de Janeiro, que reuniu o maior público (300 mil pessoas), e em Brasília, onde

manifestantes atacaram o prédio do Itamaraty. Além de dezenas de feridos, a mobilização nacional registrou uma morte.

Em São Paulo, 100 mil pessoas ocuparam a Avenida Paulista pacificamente, mas houve confrontos isolados entre militantes de partidos, sobretudo petistas, e pessoas que se dizem sem partido.

A série de protestos em junho começou como reação ao aumento das tarifas de ônibus, metrô e trem em São Paulo e Rio. Conforme os movimentos cresciam em São Paulo e no Rio de Janeiro, a mobilização se disseminou pelo país. Na mesma semana dos protestos, a demanda de redução da tarifa foi atendida por prefeitos e governadores de São Paulo, Rio e mais de dez cidades.

Porém, o protesto que começou com o reajuste de R\$0,20 cresceu e ganhou outras bandeiras, como o fim da corrupção e da violência policial, melhorias no transporte, na saúde e na educação e os gastos excessivos com a Copa do Mundo. O ato da quinta-feira foi mantido como comemoração da conquista. Mas, sem liderança definida nas grandes cidades, os protestos tomaram rumos diferentes, se separaram e as tentativas de diálogo com as autoridades fracassaram.

21/06/13 - A presidente Dilma Rousseff fez um pronunciamento sobre as manifestações no Brasil. Em cadeia nacional de rádio e televisão, Dilma disse estar atenta às reivindicações feitas pela população que foi às ruas durante os protestos em diversas cidades brasileiras e destacou que o pedido de mudança é legítimo, mas condenou os atos de vandalismo e violência. "Os manifestantes têm o direito e a liberdade de questionar e criticar tudo, de propor e exigir mudanças, de lutar por mais qualidade de vida, de defender com paixão suas ideias e propostas, mas precisam fazer isso de forma pacífica e ordeira", disse a presidente.

⁷ Portal de notícias da Rede Globo de Comunicação. <http://g1.globo.com/index.html>

Editoriais da Folha de S. Paulo

De acordo com *José Marques de Melo*⁸,

“a seleção da informação a ser divulgada através dos veículos jornalísticos é o principal instrumento de que dispõe a instituição (empresa) para expressar a sua opinião. É através da seleção que se aplica na prática a *linha editorial*. A seleção significa, portanto, a *ótica* através da qual a empresa jornalística vê o mundo. Essa visão decorre do que se decide publicar em cada edição privilegiando certos assuntos, destacando determinados personagens, obscurecendo alguns e ainda omitindo diversos (MELO, 2003, p. 75)”.

As manifestações começaram mais precisamente no dia 6 de junho de 2013, em São Paulo. Foram organizadas via redes sociais, de modo a ser uma surpresa os milhares, e até milhões, de manifestante nas ruas reivindicando melhorias. Seu principal desencadeador foi o aumento na passagem de transporte público, porém durante todo o seu curso, diversas pautas agregaram as reivindicações dos manifestantes, entre algumas delas estavam o arquivamento da PEC 37 (Proposta de Emenda Constitucional que buscava retirar do Ministério Público a atribuição de fazer investigações), destinação de 10% do PIB para educação e melhorias e mais verbas para o SUS (Sistema Único de Saúde). As marcas dessas manifestações foram o grito contra a presença de partidos políticos nos protestos e igualmente contra a presença da imprensa.

O jornal Folha de S. Paulo, conhecido como “Folha”, é um jornal impresso diário, de modo que se uma notícia ocorrer após o fechamento da edição, se assim interessar ao jornal, pode ser contemplada na edição do dia seguinte. Apesar dos protestos terem pegado de surpresa a Folha, o jornal poderia ter tratado no dia seguinte, ou na semana corrente, o tema. Contudo, não foi o que ocorreu. O editorial da Folha apenas comentou as manifestações no dia 13 de junho. Podemos concluir com isso, de acordo com *Silva & Santos*⁹ que a ausência do tema nos editoriais do diário se dá porque “dimensões propriamente humanas e de natureza social e política distributivista, de maneira geral, são secundarizadas em sua linha editorial (...)”.

Ao invés de analisar os eventos ocorridos nos protestos, que já teriam sido alvo de um jornal que supostamente está a serviço do Brasil, devido à extraordinariedade dos fatos, como o fechamento da Av. Paulista, o confronto entre polícia e manifestantes e os ataques às vidraças de bancos e estabelecimentos, a Folha de S. Paulo preferiu analisar outras situações, evidenciando qual é a visão do jornal, como:

- a) “Duas faces do Senado” - críticas ao Senado (07/06);
- b) “Portos abertos à vista” - elogios à MP dos Portos e “Tribunais ‘sub judice’” - crítica à construção de mais tribunais (08/06);
- c) “Turbulência à frente” - queda de popularidade da presidenta e “Dose excessiva” - posicionamento contra o rigor da legislação que pune quem bebe e dirige (09/06);
- d) “Tributos às claras” - transparência sobre os tributos e “Outro Obama” - a espionagem americana (10/6);
- e) “Alckmin em segurança” - popularidade positiva do governador de São Paulo e “Nó na transparência” - lei de transparência dos gastos públicos (11/6);
- f) “Gradual e inseguro” - ataque à política econômica do Planalto e “Melhoras marginais” - a construção de corredores nas vias marginais da cidade de São Paulo, esse último dentro das razões dos protestos, mas sem citá-los (12/6);
- g) e finalmente “Retomar a Paulista” – críticas às manifestações (13/06).

Lembrando que, segundo *José Marques de Melo*¹⁰, “editorial é o gênero jornalístico que expressa a opinião oficial da empresa diante dos fatos de maior repercussão no momento”. Naquele momento as manifestações de junho de 2013 eram o assunto mais comentado pela sociedade brasileira, e também teve muita repercussão (no começo negativa) na grande mídia.

⁸ MELO, José Marques de, 2003, trecho citado no livro *Jornalismo opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro*, p. 75.

⁹ SILVA, Roberto Bitencourt da & SANTOS, Wagner Alexandre dos, 2011, trecho citado em “Confrontos na rua e no jornal: a designação de ‘baderna’ sob a perspectiva da análise do discurso”. In: *Cadernos de Letras da UFF: Niterói*, p.186.

¹⁰ MELO, José Marques de, 2003, trecho citado no livro *Jornalismo opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro*, p. 103.

Análise dos editoriais

Analisando o editorial “Retomar a Paulista” (13/06), podemos ver a Folha apresentando os manifestantes pelo viés de vandalismo e baderna; em certo ponto os chamava de “grupelho” e afirmava que eles aproveitaram a irritação da população com transportes para exigir uma redução de tarifa que já havia sido reajustada, e até “abaixo da inflação”. Portanto, percebemos que na avaliação do jornal, tanto barulho é injustificável. Além disso, o editorial defende a polícia e sua ação violenta, pois “cabe ao poder público impor regras e limites ao exercício de direitos” quando se está tratando com “marginais e sectários”. Ou seja, a polícia agiu conforme se espera se tratando de grupos baderneiros. A Folha finaliza o editorial afirmando que “é hora de pôr um ponto final” nas ações dos manifestantes e que a “força da lei” deveria ser usada contra os vândalos.

Vemos nesse editorial que os manifestantes são tratados como vândalos, e a polícia e sua força como o único meio de se restabelecer a ordem pública. A Folha defende e difunde o discurso do governo e da classe A, onde os protestos seriam um incômodo para a sociedade brasileira. Em algum momento das manifestações o discurso foi aceito pela grande massa, porém quando começaram a se incorporar outras pautas nas reivindicações dos manifestantes, os protestos tiveram aceitação do público.

No dia anterior à edição de 15 de junho, um fato surpreendente aconteceu nas manifestações: além de agredir aos manifestantes, a polícia passou a agredir a imprensa. A imagem de uma repórter da Folha de S. Paulo com o olho inchado e sangrando após ser atingida por uma bala de borracha ficou conhecida por todo o mundo. Isso fez com que a Folha mudasse o rumo de sua cobertura das manifestações. No editorial “Agentes do caos” (15/06), o jornal inverteu os papéis de vilão e mocinho, passando a declarar que a Polícia Militar do Estado de São Paulo deu “um espetáculo de despreparo, truculência e falta de controle...” e também afirmou que “a responsável maior pela violência passou a ser a própria PM”.

A Folha de S. Paulo, maior jornal do país, mudou seu posicionamento a partir do momento que a aceitação de seu público sobre os protestos também mudou. Para *Marques de Melo*¹¹, ‘‘a opinião contida no editorial constitui um indicador que pretende orientar a opinião pública’’, ou pelo menos é o que deveria ocorrer, e não o contrário.

¹¹ MELO, José Marques de, 2003, trecho citado no livro *Jornalismo opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro*, p. 104.

As Jornadas de Junho no Brasil e a Teoria do Gatekeeper

As manifestações que inundaram o país em 2013, durante o mês de junho, trouxeram um grande assunto, bastante oportuno para o debate sobre os rumos do jornalismo em uma época em que tanto se fala sobre a crise da credibilidade dos grandes jornais. Diferentemente do que acontece no habitual, as Jornadas de Junho surpreendeu não apenas os brasileiros, que há tempos não viam uma grande manifestação popular, mas também pegou de surpresa toda a mídia. Além disso, a cobertura jornalística durante os movimentos de junho foi dificultada, já que uma das pautas dos manifestantes era justamente a hostilidade aos grandes veículos do país, como a Rede Globo.

Os movimentos ocorridos em junho nasceram em decorrência de um aumento no preço da passagem de ônibus em São Paulo. No entanto, sem dúvidas, a população tinha vários outros motivos para sair nas ruas e protestar, como os escândalos recorrentes envolvendo membros do governo, o descaso com a saúde pública, a falta de uma estrutura sólida para a educação brasileira, além dos impostos abusivos e a grande crítica relacionada aos gastos com a Copa do Mundo no Brasil. No dia 13 de junho, que é quando as manifestações começavam a ganhar força no país e, principalmente, em São Paulo, um fato inusitado chamou a atenção. Uma repórter da Folha de S. Paulo foi atingida no olho por uma bala de borracha atirada pela própria polícia, que fazia a “segurança” no local.

A partir do fato que aconteceu com a repórter, a ação abusiva da Polícia Militar no país também virou alvo de questionamentos e protestos nas ruas de todo o país. A dificuldade que os veículos tinham em cobrir as notícias, produto das manifestações, obrigou os jornalistas a pensarem em um novo jeito de exercer a profissão de informar em terreno hostil. Por várias vezes, foram relatadas agressões contra vários profissionais da mídia. Muitos jornalistas chegaram a fazer a cobertura sem se identificar ou informar para qual veículo trabalhavam. Além disso, grande parte do que foi noticiado circulava, integralmente, nas redes sociais. As manifestações eram marcadas através do facebook, plataforma que serviu como uma grande janela de conversa e interação entre as pessoas que participaram dos movimentos.

Ao invés de a população procurar por informações sólidas nos jornais, o que acontecia é que o depoimento dos internautas ganhava cada vez mais relevância, enquanto o trabalho jornalístico era, cada vez mais, criticado. O argumento dos manifestantes é a parcialidade

dos veículos e a falta de transparência no exercício da profissão. De acordo com essa pressuposição, os jornais do país são elitistas e escondem o que, de fato, acontece no país. Caco Barcellos, um dos jornalistas mais reconhecidos do país e vencedor de vários prêmios, foi impedido de realizar o seu trabalho em uma das manifestações, ao ser hostilizado por uma grande quantidade de pessoas, críticas ao sistema de informação do canal da família Marinho, do qual o repórter é contratado.

O período das manifestações foi uma época em que o jornalismo precisou encontrar novas saídas e proporcionar novas formas de trabalho. O método convencional de praticar o jornalismo não funcionava mais e o bombardeio de críticas não parecia ter fim. Uma das Teorias do Jornalismo, a Teoria do Gatekeeper, parte do pressuposto que as notícias são como são porque os jornalistas assim decidem. Essa teoria foi elaborada ainda nos anos 50, por David Manning White, como forma de deferência ao jornalismo e ao seu poder. Uma das principais características da teoria do selecionador é o fato de que o fluxo de notícias têm que passar por diferentes “portões” (gates) até a sua publicação.

Ou seja, de acordo com a Teoria do Gatekeeper, existe intencionalidade no jornalismo e o processo de decisão envolve arbitrariedades e subjetividades. O Gatekeeper (selecionador) é o responsável pela análise das notícias, de acordo com os valores que carrega, mesmo que inconscientemente, além de as normas profissionais interferirem no processo de escolhas. Nas manifestações de Junho, os gatekeepers, ou seja, os jornalistas que decidiram o que seria publicado e de que forma isso aconteceria, foram os profissionais mais questionados, já que a população espera que o jornalismo trabalhe de acordo com os interesses públicos e não de apenas uma fatia.

A afirmativa de que as notícias são como são porque os jornalistas decidem isso, foi o que sustentou a prerrogativa de quem saía às ruas e se negava a construir a realidade junto à mídia, já que na visão geral da população, a mídia é manipulada e pautada por interesses elitistas, que escondem uma grande porção da realidade do país. No entanto, é perceptível que as notícias do cotidiano são como são, também, devido à determinação do espaço, do deadline e ainda pelas organizações que a determinam, que é a linha editorial de cada veículo. E isso faz com que a Teoria do Gatekeeper seja incompleta, já que a mesma desconsidera a estrutura burocrática e as organizações.

Considerações finais

Com base na análise dos editoriais da Folha de S. Paulo, podemos concluir que o jornal não deixa exposto quais realmente são os seus valores, crenças e ideologias que norteiam a publicação das notícias, de modo que a premissa definida em sua linha editorial de que ‘*a Folha busca por um jornalismo crítico, apartidário e pluralista*’¹², seja incerta e duvidosa.

Como consequência à linha editorial questionável da Folha, os comentários dos leitores nos dias em que os editoriais ‘*Vamos Retomar a Paulista*’ e ‘*Agentes do Caos*’ foram publicados no site, revelam que muitos assinantes do jornal cancelaram a assinatura após o ocorrido, visto que a Folha não cumpriu o prometido em sua linha editorial, de modo que acabou ocorrendo uma quebra de contrato entre o jornal e seus assinantes.

Ao relacionarmos as manifestações de 2013 com a Teoria do Gatekeeper, entendemos que com a forte presença dos manifestantes nas redes sociais e a repercussão que as postagens ganharam naquele importante momento político brasileiro, o próprio público começou a pautar a imprensa. E isso significa que o que foi produzido como material jornalístico baseou-se bastante nos debates ocorridos na internet.

Blogs e críticos, que não eram necessariamente jornalistas, ganharam notoriedade e o jornalismo feito pela grande mídia era cada vez mais condenado. O gatekeeper da internet foi quem obteve êxito e credibilidade. No entanto, esse selecionador não seria pautado, também, por interesses e subjetividades pessoais? O que as Jornadas de Junho evidenciaram, além do descontentamento da população brasileira com o governo, foi a necessidade de reinventar o jornalismo, aprendendo a fazê-lo de um modo menos parcial e mais preocupado com a relevância pública e cunho social.

¹² A linha editorial da Folha de São Paulo, retirada do próprio site: www.1folha.uol.com.br/institucional/linha_editorial.shtml

REFERÊNCIAS

ANDERSON, Chris. **A Cauda Longa, do Mercado de Massa para o Mercado de Nicho**. Campus, 2006.

MELO, José Marques de. **Jornalismo opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro** – 3.ed. ver. E ampl. – Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.

SILVA, Roberto Bitencourt da & SANTOS, Wagner Alexandre dos. “**Confrontos na rua e no jornal: a designação de ‘baderna’ sob a perspectiva da análise do discurso**”. In: Cadernos de Letras da UFF: Niterói: UFF, n. 42, 2011.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**. Vol 1 – Editora Insular. Florianópolis, 2004.

FOLHA DE SÃO PAULO. <<http://www.folha.uol.com.br/>>. Acesso em: 04 jun. 2014, 09:30:30.

INSTITUTO DE PESQUISAS DATAFOLHA. **Maioria dos paulistanos aprova manifestações na Paulista**. 20 de junho de 2013. <<http://datafolha.folha.uol.com.br/opiniaopublica/2013/06/1298319-maioria-dos-paulistanos-apoia-manifestacoes-na-paulista.shtml>>. Acesso em: 04 jun. 2014, 09:35:53